

O marxismo ainda é útil?

FREI BETTO

São Paulo: Cortez, 2019, 112p.

*Herbert Gler Mendes dos Anjos**

Frei Betto é um cristão que se aproximou do marxismo na teologia que esposa e na militância política que desenvolve. No geral, os marxistas têm interesse em saber o que a esquerda da Igreja Católica pensa do marxismo e do socialismo. E esse é o caso desse livro. *O marxismo ainda é útil?* é uma revisão ampliada de uma primeira versão lançada em 1985. Naquele contexto de redemocratização, o livro – que é uma introdução didática ao pensamento marxista escrita em linguagem popular – havia sido esboçado para aulas de antiga disciplina de OSPB (Organização Social e Política Brasileira), como uma alternativa às cartilhas conservadoras do regime golpista. Importante lembrar que, originariamente, a OSPB foi uma proposta do educador progressista Anísio Teixeira apresentada durante o governo João Goulart para introduzir aos jovens as instituições nacionais, a estrutura do Estado, o conteúdo da Constituição, os processos democráticos e os direitos políticos e deveres dos cidadãos. Com o golpe de 1964, seu propósito inicial foi alterado e a disciplina passou a ser um instrumento de cooptação ideológica do regime autoritário.

O livro original vendeu 800 mil exemplares – provocou a fúria de setores direitistas em Pelotas (RS) e o prefeito paulista Jânio Quadros o proibiu nas es-

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: herbertanjos@hotmail.com

colas municipais. Em 1993, temendo a difusão de uma abordagem progressista do conteúdo, a disciplina foi revogada e o livro foi banido das escolas. Em 2019, com a eleição de Jair Bolsonaro e a onda conservadora e obscurantista que assola o país, o autor reatualizou e relançou a obra na esperança de contribuir com a formação da militância e despertar a visão crítica sobre a sociedade capitalista e o protagonismo político progressista.

O livro se propõe a responder a seguinte questão: o marxismo ainda tem alguma utilidade? Também se propõe a realizar um breve balanço sobre o significado da experiência do socialismo real e apresenta, ao final, uma versão popular da Declaração Universal dos Direitos Humanos para ser utilizada em cursos de formação política. Apresentando a história de Joca, Tamiko, Uala e Luciana – crianças de etnias e classes sociais diferentes –, o autor expõe as desigualdades sociais presentes no Brasil e os sucessivos modos de produção de bens e mercadorias que a humanidade desenvolveu em sua história até o advento do modo de produção capitalista. Ao longo do texto, conceitos caros ao pensamento marxista, tais como divisão social do trabalho, ideologia, classes sociais, mais-valia e capitalismo são gradualmente introduzidos ao leitor.

Para Betto, justificar a utilidade do marxismo está diretamente relacionado ao significado que atribuímos a esse corpo de ideias. Se entendermos que o marxismo é uma ideologia ateísta, que serve para justificar os crimes de Stálin e as barbaridades da revolução cultural chinesa, realmente ele não terá utilidade. Identificar marxismo com as barbaridades cometidas em seu nome é de um simplismo similar a identificar o catolicismo à inquisição ou à pedofilia de padres e bispos. Assim como o catolicismo não pode ser identificado de forma direta e mecânica com a inquisição, o marxismo não pode ser identificado com violência e restrição às liberdades. Segundo o autor, há que se voltar a Marx para saber o que é marxismo; assim como há que se retornar aos Evangelhos e a Jesus para saber o que é cristianismo, e a Francisco de Assis para saber o que é catolicismo.

É interessante notar que, em sua visão, cristianismo e marxismo tem grande afinidade, em especial no que tange à promoção da solidariedade, à cooperação e à defesa da soberania dos povos. Já o capitalismo é caracterizado como um sistema antagonico aos valores do cristianismo, na medida em que é defensor do individualismo, da concorrência e da globocolonização. Porém, infelizmente, a ideologia neoliberal, que identifica capitalismo e democracia, impera na consciência de muitos cristãos e os impede de perceber que o capitalismo é intrinsecamente perverso. Frei Betto vai além e crítica a Igreja Católica pela conivência com o capitalismo, na medida em que este a cobre de privilégios e lhe franqueia uma liberdade que é negada, pela pobreza, a milhões de seres humanos. Mas também ressalta que há um conjunto de teólogos que têm retomado a leitura da obra de Marx para criticar a essência do capitalismo.

A validade do marxismo está no fato de se constituir em um eficiente método de análise crítica da realidade, capaz de evidenciar as contradições e insuficiên-

cias do capitalismo, sistema que, para o autor, promoveu acentuada desigualdade social, apoderou-se das riquezas naturais de outros povos, desenvolveu sua face imperialista e monopolista, estabeleceu o equilíbrio geopolítico mundial por meio de arsenais nucleares e disseminou a ideologia neoliberal, que reduziu o ser humano ao consumismo submisso aos encantos da mercadoria e que não é capaz de garantir um futuro digno para a humanidade.

Na parte final, o autor empreende uma rica reflexão sobre as conquistas e os impasses da experiência socialista realmente existente. Caracterizando o socialismo como um modelo de organização social voltado ao atendimento das necessidades básicas da população (educação, saúde, emprego, moradia etc.) implantado em alguns países, o autor evidencia que, em termos de solução de problemas sociais básicos, essa experiência de organização social foi relativamente bem sucedida. Especialmente se consideramos que os países socialistas eram diferentes tanto do ponto de vista do desenvolvimento econômico quanto na forma de organização de suas instituições políticas. Porém, apesar das conquistas sociais, essas experiências conviveram e, em alguns casos, padeceram de enormes problemas como a excessiva burocratização do Estado, o monopólio do partido único, a falta de consciência revolucionária e o dogmatismo, a necessidade de prêmios para estimular o trabalho, os gastos excessivos com a corrida armamentista, o atraso científico e tecnológico em relação ao ocidente, a falta de modernização na produção de bens de capital e de consumo, os preconceitos em relação à religião e à homossexualidade, a corrupção etc.

Na perspectiva do autor, a URSS, especialmente depois do período stalinista, não conseguiu assegurar uma verdadeira democracia de trabalhadores e se tornou um Estado burocratizado. A China se transformou em um capitalismo de Estado e somente Cuba teria resistido ao burocratismo e a economia de mercado. Em nossa visão, caracterizar a China como um modelo de capitalismo de Estado é plausível, mas não pode implicar desconsiderar ou desmerecer o significativo desenvolvimento material que essa sociedade conseguiu através da combinação entre mercado e Estado, especialmente em uma quadra histórica marcada pela ofensiva do fundamentalismo de mercado e pela ausência geral de revoluções de caráter socialista. Até mesmo Cuba, em sua nova constituição, tem sinalizado na direção de uma aproximação com o mercado e a propriedade privada, embora sempre regulados pelo Estado munido de objetivos sociais e dirigido pelos comunistas.

O fracasso do socialismo no Leste Europeu obrigou a esquerda mundial a rever suas concepções de socialismo e os fundamentos do marxismo. Infelizmente, nesse processo, muitas organizações e lideranças abandonaram qualquer perspectiva de transformação radical da sociedade capitalista e aderiram, como horizonte máximo, ao social-liberalismo. O relançamento desse livro cumpre importante papel em um momento em que as esquerdas brasileiras precisam se repensar, se reorganizar, formular novos projetos de sociedade e voltar a fazer trabalho de base junto aos setores populares para superar o avanço do obscurantismo e do fundamentalismo de mercado.